



BACHARELADO EM ENFERMAGEM

EVANILDO PEREIRA DE OLIVEIRA JUNIOR

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES**

**Conceição do Coité-BA
2023**

EVANILDO PEREIRA DE OLIVEIRA JUNIOR

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES**

Artigo científico apresentado à Faculdade da
Região Sisaleira como Trabalho de Conclusão
de Curso para obtenção do título de Bacharel
em Enfermagem.

Orientador: Prof. Esp. Ilke Itamar Oliveira
Rodrigues.

**Conceição do Coité-BA
2023**

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/001222

A25 Oliveira Júnior, Evanildo Pereira de

O papel do enfermeiro na educação e no apoio aos cuidados de pacientes com mal de Alzheimer: uma revisão bibliográfica/Evanildo Pereira de Oliveira Júnior. – Conceição do Coité: FARESI, 2023. 18f..

Orientadora: Prof. Esp. Ilke Itamar Oliveira Rodrigues.
Artigo científico (bacharel) em Enfermagem. – Faculdade da Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2023.

1 Enfermagem. 2 Alzheimer. 3 Assistência de Enfermagem. 4. Familiares. I Faculdade da Região Sisaleira – FARESI. II Rodrigues, Ilke Itamar Oliveira. III. Título.

CDD: 616.831

EVANILDO PEREIRA DE OLIVEIRA JUNIOR

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, pela Faculdade da Região Sisaleira.

Aprovado em 18 de outubro de 2023.

Banca Examinadora:

Denieire Santiago / denieire.santiago@faresi.edu.br

Ilke Itamar Oliveira Rodrigues / ilke.rodrigues@faresi.edu.br

Laércio da Conceição Nunes / laercyo_lau@hotmail.com

Merioldes Santos Silva / merioldess@hotmail.com

Rafael Reis Bacelar Antón/ rafael.anton@faresi.edu.br



Rafael Reis Bacelar Antón
Presidente da banca examinadora
Coordenação de TCC – FARESI

Conceição do Coité – BA
2023

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES

Evanildo Pereira de Oliveira Júnior¹

Ilke Itamar Oliveira Rodrigues²

RESUMO: O estudo em questão é uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e descritiva para investigar a assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A metodologia envolveu a análise de estudos relevantes sobre autismo e assistência de enfermagem, sintetizando o conhecimento científico para orientar a prática assistencial. A busca por artigos foi conduzida em bases de dados como: LILACS, SCIELO, BVS e PUBMED, utilizando termos relacionados ao tema. Foram selecionados 12 artigos de pesquisa primária, publicados entre 2013 e 2023, em português e inglês. Os principais resultados destacam que a assistência de enfermagem a crianças autistas é um desafio que exige sensibilidade e habilidades específicas. Crianças com TEA têm necessidades únicas que afetam comunicação, interação social e comportamento, demandando cuidados adaptados e personalizados. A colaboração multidisciplinar emerge como um aspecto fundamental, com enfermeiros trabalhando junto a outros profissionais para criar planos de cuidados abrangentes. Além disso, o apoio às famílias é vital, envolvendo orientações, suporte emocional e informação sobre o TEA. A pesquisa revela que, apesar da importância, a assistência de enfermagem a crianças com TEA ainda enfrenta desafios. Muitos enfermeiros não possuem experiência direta com crianças autistas e enfrentam dificuldades devido à falta de capacitação e recursos. No entanto, a colaboração entre profissionais e a compreensão aprofundada das necessidades da criança e da família podem resultar em uma assistência mais eficaz e inclusiva. Além disso, o apoio tanto à criança quanto às suas famílias é essencial para promover a inclusão e o bem-estar.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência de enfermagem. Transtorno do Espectro Autista. Equipe multidisciplinar.

ABSTRACT: The study in question is an integrative literature review, which adopts a qualitative and descriptive approach to investigate nursing care for children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). The methodology involved the analysis of relevant studies on autism and nursing care, synthesizing scientific knowledge to guide care practice. The search for articles was conducted in databases such as LILACS, SCIELO, BVS and PUBMED, using terms related to the theme. Twelve primary research articles, published between 2013 and 2023, in Portuguese and English, were selected. The main results highlight that nursing care for autistic children is a challenge that requires sensitivity and specific skills. Children with ASD have unique needs that affect communication, social interaction and behavior, demanding adapted and personalized care. Multidisciplinary collaboration emerges as a key aspect, with nurses working alongside other professionals to create comprehensive care plans. In addition, support for families is vital, involving guidance, emotional support and information about ASD. The research reveals that, despite its importance, nursing care for children with ASD still faces challenges. Many nurses do not have direct experience with autistic children and face difficulties due to lack of training and resources. However, collaboration between professionals

¹ Discente do curso de Bacharelado em Enfermagem. E-mail: evanildo.junior@faresi.edu.br

² Orientador. Docente do curso de Enfermagem. E-mail: ilke.rodrigues@faresi.edu.br

and an in-depth understanding of the child's and family's needs can result in more effective and inclusive care. In addition, support for both children and their families is essential to promote inclusion and well-being.

KEYWORDS: Nursing care. Autistic Spectrum Disorder. Multidisciplinary team.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome comportamental que afeta o desenvolvimento psicomotor, tendo impactos na cognição, linguagem e interação social infantil. A estimativa global da prevalência do TEA é de cerca de 70 casos a cada 10.000 habitantes, com predomínio entre meninos (VOLKMAR; MCPARTLAND, 2014). No Brasil, onde estudos epidemiológicos complexos dificultam precisões, pesquisas recentes indicam 27,2 casos por 10.000 habitantes (LEVENSON, 2015). Essa prevalência considerável é influenciada por critérios diagnósticos, nível de consciência dos pais sobre sintomas e acesso a serviços especializados (PINTO *et al.*, 2016, p. 2).

Detectar cedo os sintomas é crucial para um diagnóstico adequado. Sinais iniciais do TEA são frequentemente notados por pais e cuidadores, revelando padrões comportamentais típicos. Tais sinais, geralmente, emergem antes dos 3 anos, permitindo identificar necessidades da criança. Pessoas com TEA enfrentam desafios na comunicação verbal e não verbal, interações sociais exibem interesses restritos, variabilidade intelectual e temperamento instável (PINTO *et al.*, 2016, p. 2).

Logo, é essencial que a equipe multidisciplinar, incluindo enfermeiros, saiba identificar e suspeitar do TEA. Muitas vezes, o enfermeiro é o primeiro contato da família com a saúde, sendo que reconhecer sinais e sintomas indicativos do transtorno é um papel crucial. A assistência precisa ser ágil, proporcionando suporte à família, garantindo bem-estar da criança, esclarecendo dúvidas e incentivando tratamento e acompanhamento.

Para cuidar de crianças autistas, o enfermeiro deve ter sólida base teórica e científica para identificar sinais visíveis. Acompanhar um paciente com TEA requer avaliação atenta, orientação clínica à criança e família. O enfermeiro orienta sobre interações sociais, comunicação e manejo do tratamento (SILVA *et al.*, 2016; SOUSA *et al.*, 2017). A formação do enfermeiro é crucial para avaliar a criança e família, dando suporte a ambos.

Famílias com crianças autistas frequentemente enfrentam desafios psicológicos. O enfermeiro é essencial para orientar essas famílias, enfatizando que o transtorno não deve gerar culpa e que a criança precisa de cuidados, estabelecendo uma rede de apoio (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

Apesar da ausência de terapia medicamentosa direta para o TEA, remédios podem tratar comorbidades. O tratamento terapêutico visa melhorar desenvolvimento social e lidar com complicações. Nesse cenário, o enfermeiro facilita interações, promovendo engajamento por meio de atividades, como, por exemplo, a dança (FIGUEIREDO, 2015).

Como visto, a atuação do enfermeiro vai além do clínico, mediando a socialização da criança autista. Os desafios enfrentados pelas famílias requerem diálogo entre sociedade, enfermeiros e famílias. Entender as limitações do paciente é vital para avanços socioeducacionais, portanto, os enfermeiros promovem saúde e bem-estar, unindo técnica, empatia e colaboração interprofissional.

O interesse por esse tema surgiu a partir de uma experiência pessoal e profissional vivenciada ainda como técnico de enfermagem, na qual percebia a chegada de muitas crianças com características compatíveis com TEA nas unidades em que presto serviço, bem como por entender a necessidade de um atendimento diferenciado desde a chegada desses pacientes, até o internamento. Percebi de perto muitas das dificuldades que poderiam ser facilmente superadas através do conhecimento e treinamento acerca desta condição, levando em consideração que a maioria dessas crianças não tinham o diagnóstico do autismo ou, sequer, a família questionava sobre o comportamento diferenciado dos filhos que, por vezes, tratava-se de uma condição visivelmente típica do transtorno do espectro autista.

Apesar de ser um tema que, especialmente nos últimos anos tem ganhado notoriedade nos meios acadêmicos, ainda são escassas as pesquisas na literatura, o que muitas das vezes dificulta a assistência. É muito comum nas unidades de saúde a dificuldade da assistência de enfermagem aos pacientes autistas, por não terem o conhecimento necessário acerca do diagnóstico e ainda ter um grande índice de crianças não diagnosticadas, a forma de lidar com o acolhimento, recepção e abordagem necessária tanto para com essas crianças quanto suas famílias ainda existe certo preconceito em relação ao assunto.

Portanto, é de importante relevância social e acadêmica que os profissionais de enfermagem estejam cada vez mais aptos em conhecimento para perceber que este tipo de transtorno por ser de difícil diagnóstico e aceitação das famílias, bem como se faz necessário um olhar holístico para com esta criança, para assim garantir maiores cuidados, além de orientar e guiar outros profissionais de enfermagem em como acolher, tratar e cuidar destas crianças, tal como o maior entendimento do transtorno, possibilitando uma melhor interação com a família, para conduzir as condutas e assistência de enfermagem de modo que reduza os impactos advindos do autismo.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as evidências científicas sobre a assistência de enfermagem à criança autista, e como objetivos específicos: identificar as abordagens adequadas de assistência de enfermagem a serem adotadas no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista; destacar a importância da colaboração da equipe

multidisciplinar; avaliar como fornecer apoio à família; identificar o papel da assistência de enfermagem no ambiente escolar.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa de literatura, com cunho qualitativo e descritivo para refletir sobre a assistência de enfermagem a criança com Transtorno do Espectro Autista: dificuldades e potencialidades. Foi realizada uma análise de estudos que discutem na literatura sobre autismo e a assistência de enfermagem com histórico e conceitos voltados para esse transtorno, os quais sintetizam conhecimentos científicos relevantes, que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática assistencial.

O presente artigo compreende um estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico e baseado na experiência vivenciada pelos autores. Diante da necessidade de assegurar uma prática assistencial embasada em evidências científicas, a revisão integrativa tem sido apontada como uma ferramenta ímpar no campo da saúde, pois sintetiza as pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática fundamentando-se em conhecimento científico (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A busca pelos artigos foi realizada no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando bases de dados como Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PUBMED. A combinação dos descritores "Transtorno do Espectro Autista", "enfermagem", "cuidados" e "assistência" foi realizada com a expressão booleana "AND". A pergunta central que orientou a pesquisa foi: Quais as condutas adequadas e necessárias que devem ser tomadas no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista pelo profissional enfermeiro?

Foram selecionados artigos de pesquisa primários, publicados no período de 2013 a 2023, nos idiomas português e inglês, que explorassem a temática escolhida. Após a exclusão das publicações duplicadas, conduziu-se uma etapa inicial de triagem com base nos títulos, eliminando aqueles que não apresentavam relação direta com o assunto em questão. A leitura dos resumos resultou na exclusão daqueles artigos que não preenchiam os critérios de elegibilidade predefinidos.

A análise aprofundada dos artigos escolhidos foi realizada por meio de fichamentos e leituras minuciosas, o que proporcionou uma compreensão abrangente do conteúdo abordado. Ao final, um total de 12 artigos foi criteriosamente selecionado, devido à sua relevância.

Utilizou-se assim, as seis etapas da revisão integrativa, a saber: 1) Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; 2) Estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; 3) Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; 4) Categorização dos estudos selecionados; 5) Análise e interpretação dos resultados; 6) Apresentação da revisão/ síntese do conhecimento.

Portanto, fora traçado uma análise bibliográfica, a qual se considera uma ferramenta importante e necessária para perceber os avanços e as lacunas da assistência de enfermagem para à criança com Transtorno do Espectro Autista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A assistência de enfermagem a crianças autistas é um campo desafiador que requer sensibilidade, conhecimento e habilidades específicas. Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possuem características únicas que afetam sua comunicação, interação social e comportamento. Os enfermeiros que cuidam dessas crianças precisam entender as necessidades individuais de cada uma delas e adaptar as intervenções de enfermagem de acordo com suas características, o que envolve estabelecer vínculos, criar um ambiente seguro e proporcionar estímulos adequados para o desenvolvimento.

Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel crucial, oferecendo conforto, apoio emocional e intervenção terapêutica para promover a recuperação e a promoção da saúde. Além disso, os enfermeiros atuam como mediadores entre a família e a equipe multidisciplinar, identificando sinais e sintomas do transtorno. Como o autismo é um transtorno e, portanto, não tem cura, os enfermeiros promovem a independência nas atividades diárias e cuidados individualizados, visando ao bem-estar e à evolução da saúde da criança autista (SANTOS *et al.*, 2023).

O estudo de Dartora, Mendieta e Franchini (2014) corrobora com essa visão, abordando a percepção dos profissionais de enfermagem em relação à assistência a crianças autistas. Segundo os autores, a assistência de enfermagem à criança autista requer uma abordagem sensível e individualizada. É fundamental que os profissionais superem estereótipos e

compreendam a singularidade de cada criança. Isso inclui reconhecer e interpretar suas formas de comunicação, sejam verbais ou não verbais, para estabelecer uma conexão eficaz. Além disso, preservar as rotinas durante internações ou procedimentos médicos é essencial para minimizar o estresse e proporcionar um ambiente de segurança. A capacidade de oferecer cuidado humanizado e adaptado às necessidades específicas de cada criança autista é uma marca importante da assistência de enfermagem nesse contexto.

Já as enfermeiras entrevistadas na pesquisa de Silva *et al.* (2016) compreendem seu papel na assistência à criança autista. Elas destacam a importância do enfermeiro no acompanhamento de medicamentos, exames laboratoriais, orientações aos pais, observação do desenvolvimento e encaminhamento para outros profissionais. Além disso, enfatizam o papel de facilitador da autonomia das crianças autistas, auxiliando nas atividades diárias e promovendo a inclusão na sociedade.

Segundo Oliveira, Morais e Franzoi (2019), a assistência de enfermagem às crianças com autismo desempenha um papel crucial no cuidado holístico e personalizado. Cada criança apresenta necessidades e desafios individuais, exigindo que os profissionais de enfermagem compreendam profundamente suas especificidades. No entanto, o estudo de Ferreira *et al.* (2015) revela que a assistência de enfermagem a crianças autistas é uma área pouco explorada pelos enfermeiros entrevistados. A maioria não teve contato direto com crianças autistas em suas práticas clínicas, e aqueles que tiveram enfrentaram desafios na interação devido à dificuldade de comunicação e interação social típica do transtorno. A ausência de diretrizes e capacitação específica contribui para a falta de preparo dos enfermeiros nesse aspecto, impedindo a prestação adequada de assistência às crianças autistas tanto nas unidades de saúde quanto no ambiente escolar.

O estudo de Hofzmann *et al.* (2019), evidencia que os enfermeiros não estão envolvidos no processo do transtorno, o que é considerado uma lacuna. O estudo de Corrêa, Gallina e Schultz (2021) destaca, ainda, que as enfermeiras da Estratégia de Saúde da Família reconhecem sinais de alterações no desenvolvimento infantil durante as consultas. No entanto, enfrentam dificuldades em compreender o autismo e não estão familiarizadas com os instrumentos de triagem precoce para o transtorno. O estudo ressalta a importância de capacitar os profissionais de saúde no conhecimento do TEA e na utilização de instrumentos para promover o estímulo, acompanhamento e tratamento adequado, visando o melhor desenvolvimento infantil.

A pesquisa de Silva *et al.* (2019) evidencia que os enfermeiros precisam de treinamento especializado e que a compreensão insuficiente do TEA pode resultar em dificuldades para

estabelecer uma comunicação eficaz e para lidar com comportamentos desafiadores. A formação de vínculos com essas crianças pode ser um processo delicado, exigindo paciência e compreensão. No entanto, as facilidades residem na promoção de um ambiente acolhedor e seguro, na colaboração com profissionais de diferentes especialidades e na promoção de intervenções que estimulem o desenvolvimento das crianças.

O estudo de Bonfim *et al.* (2023), evidencia que os enfermeiros também enfrentam dificuldades devido à sobrecarga de trabalho e à falta de recursos em alguns níveis de atenção. Ressaltam que a colaboração da equipe multidisciplinar é vital para enfrentar esses desafios, com profissionais de saúde, enfermeiros, psicólogos e fisioterapeutas trabalhando juntos no acolhimento e no atendimento integral.

A abordagem multidisciplinar, de acordo com Dartora, Mendieta e Franchini (2014), emerge como um pilar fundamental no cuidado à criança autista. Nesse contexto, os enfermeiros assumem um papel colaborativo, trabalhando em conjunto com outros profissionais de saúde, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos. Essa colaboração possibilita o intercâmbio de conhecimentos e a oferta de uma assistência mais abrangente e coordenada. Integrando diversas perspectivas e especialidades, a equipe multidisciplinar contribui para a criação de planos de cuidados mais eficazes e personalizados, capazes de atender às complexas necessidades das crianças autistas.

A pesquisa de Ferreira *et al.* (2015) reforça a ênfase que os próprios enfermeiros atribuem à necessidade de trabalho em equipe para proporcionar um atendimento qualificado e individualizado. No âmbito do ambiente terapêutico, liderado pelos enfermeiros, busca-se promover o desenvolvimento emocional e social das crianças autistas. Este esforço visa auxiliá-las na construção de relações interpessoais e sua integração na sociedade.

As considerações de Oliveira, Morais e Franzoi (2019) ampliam a perspectiva, ressaltando que a colaboração estabelecida com a equipe multidisciplinar é de extrema importância. Essa abordagem permite uma visão abrangente e integrada, que abarca aspectos médicos, comportamentais, emocionais e de desenvolvimento da criança autista. Essa equipe colaborativa, composta por psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e outros profissionais de saúde, trabalha em conjunto para criar um plano de cuidados completo e eficaz. O objetivo é fomentar o progresso e a qualidade de vida da criança, alinhando-se à missão de incentivar a inclusão na comunidade.

A perspectiva de Silva *et al.* (2019) enfatiza que a colaboração entre esses profissionais é essencial para compreender as necessidades específicas de cada criança, planejar intervenções personalizadas e monitorar o progresso. Uma equipe multidisciplinar bem coordenada é capaz

de proporcionar um ambiente de cuidado mais eficaz e inclusivo para crianças autistas, maximizando seu potencial de desenvolvimento. Esse trabalho em equipe não apenas aprimora o atendimento prestado às crianças com TEA, mas também oferece uma atenção mais adequada e assistencial às suas famílias, aspecto fundamental dentro da assistência de enfermagem.

Há que se considerar que, receber um diagnóstico de autismo, conforme apontado por Dartora, Mendieta e Franchini (2014), pode ser um momento desafiador e impactante para os familiares, demandando orientação e compreensão. Nesse contexto, os profissionais de enfermagem assumem um papel de apoio essencial ao compartilhar informações precisas sobre o autismo, suas características e estratégias de manejo. Através dessa colaboração, os enfermeiros desempenham um papel significativo na redução de estigmas, preconceitos e incertezas, construindo um ambiente de aceitação e apoio crucial para o bem-estar global da criança autista e de seus entes queridos.

O estudo de Ferreira *et al.* (2015) corrobora essa visão, enfatizando o papel fundamental do enfermeiro no apoio às famílias, ao estabelecer vínculos significativos e atuar como um agente de orientação e suporte. Os enfermeiros reconhecem a importância de compreender as nuances do autismo, identificando sinais sutis e fornecendo diretrizes para enfrentar os comportamentos autísticos. Estimular a participação ativa das famílias no processo terapêutico é uma área na qual os enfermeiros podem desempenhar um papel preponderante, promovendo a qualidade de vida tanto das crianças quanto de seus cuidadores.

A relevância do apoio familiar é também destacada por Oliveira, Morais e Franzoi (2019), frisando a necessidade de orientar as famílias em relação às estratégias que promovam o bem-estar da criança e auxiliem no enfrentamento das situações cotidianas. Por sua vez, Magalhães *et al.* (2022) ressaltam a importância da enfermagem em capacitar os pais para estimularem seus filhos e desenvolverem planos de cuidados personalizados. O estudo de Hofzmann *et al.* (2019) realça a mudança significativa na rotina familiar após o diagnóstico de autismo, podendo resultar em renúncias profissionais e impactos financeiros. Nesse cenário, a assistência de enfermagem pode servir como um recurso vital para auxiliar as famílias a enfrentarem esses desafios.

A pesquisa de Silva *et al.* (2019) corrobora essa visão, evidenciando que fornecer informações claras sobre o transtorno, oferecer orientações práticas para lidar com comportamentos desafiadores e prestar apoio emocional são aspectos centrais da assistência. Sob essa óptica, Bonfim *et al.* (2023) destaca que a assistência às famílias é pautada na escuta atenta, no acolhimento, nas orientações e nos encaminhamentos personalizados, abrangendo diferentes níveis de atenção. Essas abordagens têm como objetivo criar um ambiente acolhedor

e empático, onde as famílias possam expressar suas preocupações, promovendo um cuidado mais completo tanto para a criança autista quanto para seus entes queridos. Contudo, as abordagens somente com as famílias não são suficientes, pois crianças com TEA frequentam, também, o ambiente escolar, o que proporciona novos desafios para elas.

De acordo com Sousa *et al.* (2018), a assistência de enfermagem a crianças autistas no ambiente escolar desempenha um papel crucial na promoção do desenvolvimento biopsicossocial desses indivíduos. O enfermeiro, como parte da equipe de cuidados de saúde, tem a responsabilidade de facilitar a inclusão e participação plena das crianças autistas na vida escolar. Isso envolve não apenas o cuidado físico, mas também a criação de um ambiente favorável ao aprendizado, socialização e interação. O enfermeiro deve adotar uma abordagem sensível e acolhedora, compreendendo as necessidades individuais da criança e trabalhando em colaboração com outros profissionais de saúde e educadores. Estratégias adaptativas, como o uso de materiais visuais e a comunicação por troca de figuras, podem ser empregadas para auxiliar na comunicação e aprendizado da criança. Além disso, a criação de atividades de interação e a promoção do vínculo entre o enfermeiro, a criança e a família são essenciais para o sucesso da assistência de enfermagem no ambiente escolar, permitindo que a criança com autismo alcance sua autonomia e progresso nos aspectos biopsicossociais.

Um aspecto que pode gerar maior depressão e ansiedade em crianças com TEA é o *bullying*, prática recorrente em muitas escolas do Brasil. A pesquisa Falcão, Stelko-Pereira e Alves (2021) demonstra que crianças com TEA, muitas vezes, têm dificuldade em identificar o *bullying*, tendem a focar em situações concretas e podem não perceber os fatores de repetição e desequilíbrio de poder. O *bullying* indireto, que envolve exclusão e isolamento, pode ser mais comum entre crianças com TEA devido às suas dificuldades de interação social.

O papel dos cuidadores na identificação e intervenção do *bullying* é crucial, assim como o treinamento para lidar com esse fenômeno. Crianças com TEA podem ser vítimas, agressoras ou ambas, mas focar no papel de perpetradoras pode ser uma distração de outros fatores de risco. O *bullying* tem impactos negativos, como falta de vontade de ir à escola, agressividade, tristeza e isolamento. Nesse quesitos, os enfermeiros podem ser de grande ajuda, pois através de intervenções nas escolas, podem fazer o papel de educadores em saúde, sensibilizando a todos.

Ainda segundo Sousa *et al.* (2018), a prestação de cuidados a crianças autistas em ambientes escolares também enfrenta desafios significativos. Um dos principais obstáculos é a aproximação inicial com a criança, devido às características intrínsecas do universo infantil e às particularidades do autismo, como dificuldades na interação social, comportamentos

estereotipados e impulsivos. A superação dessa barreira exige uma abordagem gradual, respeitando o tempo de adaptação da criança e suas formas individuais de reação. Além disso, a falta de adequações curriculares e a escassez de profissionais capacitados para lidar com crianças autistas podem dificultar a inclusão ativa dessas crianças no ensino regular. A infraestrutura escolar inadequada, a falta de conhecimento por parte dos professores e a sobrecarga dos profissionais de apoio também podem afetar negativamente o acompanhamento em saúde. Posto isto, a necessidade de envolvimento da família no processo de cuidado muitas vezes se depara com obstáculos relacionados ao tempo disponível e à sobrecarga emocional vivenciada pelos pais de crianças com autismo. Superar essas dificuldades requer um esforço conjunto entre profissionais de saúde, educadores, famílias e o sistema educacional como um todo, visando a criação de um ambiente inclusivo e propício ao desenvolvimento pleno das crianças autistas.

Em síntese, a assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) emerge como uma tarefa complexa e fundamental, requerendo sensibilidade, conhecimento e habilidades específicas. Há que se destacar que, a atuação dos enfermeiros vai além do cuidado direto, estendendo-se à colaboração em equipes multiprofissionais. A integração de profissionais de diversas áreas do saber, conforme abordado por diversos autores, potencializa a oferta de cuidados individualizados, considerando as necessidades médicas, comportamentais, emocionais e sociais da criança autista.

No âmbito familiar, a assistência se estende para além do paciente, focando na orientação e no apoio às famílias, capacitando-as para enfrentar os desafios que o diagnóstico de TEA pode trazer. Assim, ao unir a expertise dos enfermeiros, a colaboração da equipe multiprofissional e o apoio às famílias, a assistência se consolida como um processo abrangente e solidário, visando não apenas o bem-estar da criança com TEA, mas também o fortalecimento de suas conexões familiares e sua inclusão plena na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é enfatizada por diversos autores, destacando a importância de uma abordagem sensível, conhecimento especializado e habilidades adaptativas. O cenário desafiador se desenha a partir das características únicas das crianças com TEA, de sua subjetividade, impactando sua comunicação, interação social e comportamento. A intervenção dos enfermeiros transcende o aspecto físico, abrangendo a promoção da saúde, a prevenção de complicações, o apoio emocional e a criação de um ambiente seguro.

A colaboração com equipes multidisciplinares emerge como um elemento central, permitindo a troca de conhecimentos e a criação de planos de cuidados abrangentes e personalizados. Nessa trajetória, a interação com as famílias é um pilar fundamental, visto que o diagnóstico de TEA influencia não apenas a criança, mas também seu entorno familiar.

Os enfermeiros assumem o papel de orientadores e facilitadores, fornecendo informações e estratégias de manejo, além de apoiar as famílias em sua jornada. A aliança entre profissionais de diferentes áreas não só enriquece o cuidado prestado, mas também reflete a verdadeira natureza multidimensional das necessidades das crianças autistas, pautada no princípio da integralidade.

Além disso, a importância da capacitação e conhecimento da equipe de enfermagem sobre o TEA não pode ser subestimada. A compreensão profunda das características, desafios e estratégias de manejo específicas para crianças com autismo é crucial para proporcionar uma assistência eficaz e centrada nas necessidades individuais de cada criança. Esta capacitação contínua permite aos enfermeiros desenvolver habilidades de observação aguçadas, reconhecendo sinais sutis e respondendo adequadamente a comportamentos desafiadores. Não obstante, a formação também contribui para o desenvolvimento de uma abordagem empática e livre de estigma, construindo confiança e conexão entre os profissionais de saúde, as crianças autistas e suas famílias, daí a necessidade de maiores discussões desde o universo acadêmico, cuja temática ainda se apresenta tímida e pouco discutida na graduação em Enfermagem.

Ao sintetizar a colaboração interprofissional, a dedicação à criança autista, o apoio à família e o investimento em capacitação, a assistência de enfermagem se torna uma força unificadora na busca por uma qualidade de vida plena e inclusão para essas crianças e suas famílias. A interseção entre a expertise técnica dos enfermeiros, a cooperação interdisciplinar, o apoio emocional às famílias e a base sólida de conhecimento sobre o TEA forma a base de uma abordagem abrangente e compassiva, que reconhece o valor intrínseco de cada indivíduo e sua jornada única de crescimento e desenvolvimento.

Nos últimos anos é considerável a evolução e reconhecimento dos direitos do autista. Desta maneira, como recomendação, é de suma importância que as unidades de saúde venham a incluir nas fichas de atendimento intra e extra hospitalar, a identificação na qual deverá ser preenchida, que essas crianças atípicas possuem algum tipo de transtorno como TEA, visando facilitar desde a triagem, o atendimento diferenciado e holístico do enfermeiro para com esses pacientes, sendo necessário também a identificação através de uma pulseira específica na classificação, para que todo o atendimento multiprofissional seja contemplado da melhor forma possível. Desta maneira, esta mudança inclusiva possibilitará um avanço à saúde pública. A partir destas construções, é salutar destacar que esta pesquisa atingiu os objetivos pré-estabelecidos.

REFERÊNCIAS

BONFIM, T.A.; GIACON-ARRUDA, B.C.; GALERA, S.A.F.; TESTON, E.F. et al. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, 2023. DOI: 10.1590/1518-8345.5694.3781

CARNIEL, E.L.; SALDANHA, L.B.; FENSTERSEIFER, L.M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Pediatria**, v. 32, n. 4, p. 255-260, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-610156>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CORRÊA, I.S.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L.F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista APS**, v. 24, n. 2, p. 282-295, 2021. DOI: 10.34019/1809-8363.2021.v24.32438.

DARTORA, D.D.; MENDIETA, M.C.; FRANCHINI, B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. *Journal of Nursing and Health*, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014. DOI: 10.15210/jonah.v4i1.4304

FALCÃO, C.S.N.; STELKO-PEREIRA, A.C.; ALVES, D.L.G. Envolvimento de alunos com TEA em situações de bullying de acordo com múltiplos informantes. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2021. DOI: 10.1590/S1678-4634202147217359

FERREIRA, S.; ROMEIKA, C.; MEDEIROS, R.E.; DOS SANTOS, S.G. et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015. DOI: 10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2707-2716

FIGUEIREDO, J. **O autismo infantil: uma revisão bibliográfica**. p. 1–39, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7189561-Jeane-figueiredo-o-autismo-infantil-uma-revisao-bibliografica.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

HOFZMANN, R.R.; PERONDI, M.; MENEGAZ, J.; LOPES, S.G.R.; BORGES, D.S. Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, p. 64-60, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671/521>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LEVENSON, D. Autism in siblings often caused by different faulty genes, stud says. **American Journal of Medical Genetics**, v. 167, n. 5, p. 5-14, 2015. DOI: 10.1002/ajmg.a.37112

MAGALHÃES, J.M.; SOUSA, G.R.P.; SANTOS, D.S.; COSTA, T.K.S.L. et al. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista: perspectiva para o autocuidado. **Revista Baiana De Enfermagem**, v. 36, 2022. DOI: 10.18471/rbe.v36.44858

OLIVEIRA, A.C.A.; MORAIS, R.C.M.; FRANZOI, M.A.H. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, 2019. DOI: 10.18471/rbe.v33.28300

PINTO, R.N.M.; TORQUATO, I.M.B.; COLLET, N.; REICHERT, A.P.S. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 2, e61572, 2016. DOI: 10.1590/1983-1447.2016.03.61572.

SANTOS, E.M.J.; MELO, G.S.; MACARIO, T.K.A.; CALDEIRA, A.G. Percepção dos discentes frente aos problemas encontrados pelo autista e seus familiares na assistência de enfermagem. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n.13, 2023. DOI: 10.5281/zenodo/.7996249

SILVA, A.S.; FERNANDES, M.N.F.; COSTA, A.C.P.J.; FONSECA, L.M.B. O fazer do enfermeiro na assistência à criança autista: uma pesquisa-ação. **Paraninfo Digital Monográficos de Investigación en Salud**, v. 10, n. 23, 2016. Disponível em: <http://www.index-f.com/para/n25/223.php>. Acesso em 22 ago. 2023.

SILVA, S.A.; LOHMANN, P.M.; KUNZ, C.A.E.; MARCHESE, C. Conhecimento da equipe interprofissional acerca do autismo infantil. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 9, 2019. ISSN: 2525-3409

SOUSA, A.M.B.S.; SOUSA, C.S. Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 1, n. 2, 2017. ISSN: 2448-0959

SOUSA, B.S.A.; ALMEIDA, C.A.P.L.; CARVALHO, H.E.F.; GONÇALVES, H.E.F. et al. A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. **Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018. DOI: 10.177651/1983-1870.2018v11n1p163-170

SOUZA, M.T; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

VOLKMAR, F.R.; MCPARTLAND, J.C. From Kanner to DSM-5: autism as an evolving diagnostic concept. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 10, p. 193-212, 2014. DOI: 10.1146/annurev-clinpsy-032813-153710.